

# **Canto, toque e dança afro-brasileira: o engajamento político a partir do corpo, estética, emoções e sensações<sup>1</sup>**

Lívia Rabelo (PPGAS-MN-UFRJ)

**Palavras-chave:** Corpo; Emoções; Grupo Afro Ganga Zumba.

## **Introdução**

Neste trabalho visou refletir sobre formas de engajamento político de quilombolas que articulam corpo, arte, estética, política, emoção e cultura através do canto, do toque de tambores e da dança afro-brasileira. Estimulada por Lutz e Abu-Lughod (1990), tento compreender como emoções e sentimentos atuam micro politicamente (des)estabelecendo relações que compõe o cotidiano dessas pessoas. Refiro-me às lideranças quilombolas da Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima, localizada no município de Ponte Nova, na Zona da Mata mineira, e às atividades realizadas por elas no Grupo Afro Ganga Zumba (*Ganga*<sup>2</sup>).

As pessoas foco deste trabalho são as lideranças fundadoras, gerações posteriores e apoiadoras que se tornaram essenciais para a estruturação e manutenção do *Ganga*. Assim como Rezende (2019, p. 141), compreendo a narrativa da experiência, como um discurso emotivo. As narrativas apresentadas aqui versam, em geral, sobre a experiência da fundação do grupo, da realização das atividades, bem como das afetações em suas vidas. Foram retiradas de discursos públicos, proferidas em entrevistas para pesquisa acadêmica e para vídeos de divulgação. Apesar disso, por estar residindo na comunidade e em contato com várias dessas lideranças, consigo perceber elementos das narrativas presentes no cotidiano, complexificando falas que, para aquele propósito, deveriam ser curtas e objetivas. Tais análises mostram-se interessantes tanto para compreender como membros do grupo narram sobre a fundação do *Ganga*, ou seja, como querem ser vistos, como também para perceber afetos e emoções como parte constituinte do grupo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Expressões em *italico* se referem a categorias êmicas, expressões “entre aspas” se referem a categorias analíticas e as expressões “entre aspas” seguida de referência dizem respeito a citações.

Meu argumento é que as atividades socioculturais realizadas pelo *Ganga* são baseadas no cuidado e no *afeto*, compondo uma proposta de transformação da indignação e da raiva – diante da discriminação racial e do “epistemicídio” (Carneiro, 2005) dos saberes negros – em luta antirracista através da valorização dos saberes locais e da autoafirmação identitária. Essa luta se compõe num emaranhado de relações consigo, com os outros e com as “coisas” (Stallybrass, 2008; Appadurai, 1990) que vão se constituindo na *indignação/alegria e decepção/esperança*.

Nesse sentido, enfatizo o papel da *alegria* no cotidiano dessas lideranças, por ser uma emoção que está presente tanto nas narrativas orais e visuais, como nas conversas cotidianas e no modo de vida dessa grande família. É uma emoção que se procura alcançar mesmo nos momentos difíceis e frente à problemas corriqueiros da vida. Com isso não pretendo romantizar a vida do negro quilombola, que segue sofrendo, embora de formas distintas (Nascimento, 2018), desde a diáspora africana. Ao contrário, quero enfatizar a *alegria* como forma de enfrentar a dor, como resistência. Frente à raiva e *indignação* da discriminação cotidiana, essas lideranças se organizam, protestam e respondem através da valorização e fortalecimento da cultura afro-brasileira, uma cultura que, apesar das dores da diáspora, permanece *alegre* com suas cores e sons vibrantes.

Como nos diz Pedro Catarino, importante liderança local,

[...] Por isso é que ainda há uma *generosidade* nesse país, porque o povo negro é muito *generoso*, muito *alegre* ainda que debaixo do chicote. Muito alegre, você pode ver que a gente é muito doido, sabe?! Eu falo assim: o povo negro é muito doido porque o cara tá tomando pancada pra lá e pra cá, tá sambando, dançando, tocando bandolim. O povo negro é danado, sabe?! *O povo negro ele enverga, mas não quebra* (Pedro Catarino, 2021)<sup>3</sup>.

Pedro nos conta sobre a resistência do povo negro, que enfrenta o sofrimento, mas não perde a *alegria*, a *generosidade* e a *esperança*. Vejamos abaixo as narrativas sobre a comunidade e o Grupo Afro Ganga Zumba.

### **A Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima e o Grupo Afro Ganga Zumba**

As lideranças foco deste artigo são moradoras da Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima que, em 1988, fundaram o Grupo Afro Ganga Zumba. À frente destas

---

<sup>3</sup> Para acessar a entrevista completa, acessar: [https://youtu.be/45Pjp0b7y\\_kz](https://youtu.be/45Pjp0b7y_kz)

atividades estavam mulheres negras, adultas e adolescentes, pertencentes a duas famílias conhecidas por terem mulheres bravas e corajosas.

Apesar do protagonismo das mulheres nas atividades, não podemos nos esquecer também do trabalho dos homens que foram, e ainda são, de fundamental importância para estruturação e manutenção do *Ganga*. A Casa Ganga Zumba está localizada no Bairro de Fátima, que era conhecido com Sapé. Como conta Pedro Catarino *antigamente isso aqui tudinho era Sapé*.

O Bairro de Fátima era conhecido como Sapé no final do século XIX e início do século XX. O Sapé recebeu neste período ex-escravizados após a Lei Áurea, oriundos das fazendas da região que pertenciam ao município de São Sebastião das Almas de Ponte Nova e de outros municípios da região. Esses ex-escravizados formaram diversas micro comunidades sendo a principal a comunidade Sapé e dentro dela várias denominações de setores.

[...]

O Sapé e Vila Cruzeiro tinham estes nomes por dois motivos: Vila Cruzeiro porque tinha um grande cruzeiro onde hoje é a Capela Nossa Senhora de Fátima e Sapé porque a maioria das casas era de estuque (paredes de barro, bambu e cipó) coberta com sapé. Esse território Quilombola do Sapé, hoje Bairro de Fátima, se estendia até as matas e lagoas do Passa Cinco onde até hoje restam três, sendo uma grande, uma média e outra pequena aonde suas águas vão em direção a lagoa maior. Entre essas duas lagoas existiam duas comunidades, sendo uma de nome Gameleira na curva da lagoa grande, onde tem uma árvore gameleira com mais de 100 anos, árvore sagrada, e a outra com o nome de Quatro Cômodos. [...]

Na comunidade do Sapé tinham duas personagens muito importantes que eram: Senhor Cândido, que era benzedor e medidor de lotes com o cabo de uma pequena foice - era o mais velho da comunidade, vindo direto da senzala e se instalou no Sapé; e Mãe Quininha do Congado Nossa Senhora do Rosário, ela veio das fazendas do município de Teixeira. Todas as tropas de burros vindos das fazendas adjacentes obrigatoriamente passavam pelo Sapé principalmente na rua de baixo, pois a rua de cima era intransitável até mesmo por animais com cangalhas. Por aqui não existia ruas apenas caminhos (trilhos) para passagem das tropas de burros, carros de boi, nada era ainda organizado.

[...]

Por volta dos anos 50, através de um decreto municipal e sem conhecer a história do local transformaram o Sapé em Bairro Nossa Senhora de Fátima e posteriormente, a partir de 1979 subdividiram o Bairro Nossa Senhora de Fátima (antigo Sapé) em: São Pedro, Novo Horizonte, Antônio Girundi e Palmeirense. Para não perder definitivamente a história, em 1988 foi criado o Grupo Afro Ganga Zumba cuja finalidade era preservar um pouco da história do povo negro escravizados em nosso município (Pedro Catarino, 2022).

A Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares em 2007, tendo o Grupo Afro Ganga Zumba<sup>4</sup> exercido papel fundamental nesse processo. Não apenas pela preservação da história do povo negro pontenovense, mas também pelo essencial resgate, valorização e divulgação de saberes ancestrais que a história oficial silenciou. O *Ganga* foi reconhecido em 2015 como Patrimônio Imaterial Municipal. De acordo com Márcia Messias de Castro:

O Ganga surgiu em 1988 e o nosso intuito foi *protestar* os cem anos de abolição da escravatura. Já que dessa abolição sobrou... o nosso legado enquanto escravos aqui no Brasil foi a favela, a periferia e tudo mais. Então *nos juntamos para protestar em forma de cultura afro-brasileira* e a forma que nós achamos enquanto adolescentes foi através da *dança*. A gente começou quase que nessa manifestação e a gente sem saber à proporção que ia tomar. Anos depois o grupo toma uma proporção muito grande né?! E vira movimento negro nessa região da Zona da Mata Norte muito forte. Então, assim, a nossa função é tanto social como cultural. Então o grupo se intitula sociocultural porque a gente trabalha com projetos, mas a gente também trabalha a valorização da cultura afro-brasileira (Márcia Messias de Castro, 2020, grifos meus)<sup>5</sup>.

Márcia enfatiza que o intuito era protestar, sinalizando a *indignação* frente ao evento municipal de comemoração aos Cem Anos de Abolição da Escravatura, já que as condições opressoras persistiam e ainda persistem para a população afro-brasileira nos dias de hoje. Ao longo dos anos o *Ganga* foi tomando uma grande proporção, se tornando uma entidade sociocultural que tem como objetivos lutar contra o preconceito, a discriminação e o racismo através da valorização da cultura afro-brasileira. Por meio da formação de redes com o Movimento Negro, o grupo foi aprendendo com os seus, trocando saberes e, aos poucos, foi se tornando referência no movimento negro mineiro.

O Ganga Zumba veio para contar uma história que não foi contada, né?! Que o nosso povo não é escravo, nosso povo foi escravizado, né?! O nosso povo veio da mãe África escravizado para o Brasil. O Ganga Zumba veio para contar a história do nosso povo, dos nossos ancestrais (Efigênia de Castro Catarino, 2021)<sup>6</sup>.

A partir dessas e de muitas outras narrativas similares, bem como de práticas cotidianas da comunidade, vai se conformando a noção de ser *gangazumbeiro*. Desde a fundação, conseguimos perceber o caráter lúdico do Ganga, o resgate, a reapropriação e

---

<sup>4</sup> Canal do Grupo Afro Ganga Zumba no YouTube:

[https://www.youtube.com/channel/UC0HYpaK\\_83hTpwRcdPireUA](https://www.youtube.com/channel/UC0HYpaK_83hTpwRcdPireUA)

<sup>5</sup> Para acessar a entrevista completa, acessar: <https://youtu.be/kdGR5ZyY5RE>

<sup>6</sup> Para acessar a entrevista completa, acessar: [https://youtu.be/45Pjp0b7y\\_kz](https://youtu.be/45Pjp0b7y_kz)

a valorização de elementos tradicionais, cotidianos e ancestrais como forma de luta antirracista. Atividades como cantar, tocar e dançar, que atualmente poderiam ser enquadrados nas categorias arte, cultura e religião, compõe o cotidiano dessas famílias, herança de um “saber viver” ancestral que baliza *dor/indignação* e *alegria* como resistência.

### ***Resgate, empoderamento e o cuidado com os saberes***

Dentro do amplo leque de atividades que o Grupo Afro Ganga Zumba realizou/realiza, destaco aqui as atividades da Irmandade Banto e as Oficinas de Dança Afro-brasileira. As atividades da Irmandade Banto, coordenadas por José Eustáquio dos Santos (mestre Taquinho), incluem o cantar em coral e o tocar percussão, mas também o dançar dos corpos que tocam e cantam. O resgate e valorização da cultura afro-brasileira aqui está nas mãos de Taquinho que resgatou cantos de antigos moradores do quilombo.

No nosso grupo, por exemplo, a gente faz muita *pesquisa* com os cantos, no caso da Irmandade Banto. Os cantos que eram cantados em senzalas, em dialetos, tudo isso a gente faz um *resgate* conversando com pessoas mais antigas, com oitenta anos e até com mais de oitenta anos. A gente conversa com essas pessoas e algumas relembram essas canções. A gente pega e grava àquilo, transcreve e traz para o grupo, para a gente cantar, é um resgate né. Isso não acha em livro, nada! O que o pessoal há mais de cem anos pudesse fazer para *suprimir o conhecimento negro, da negritude, fizeram, estragaram, esconderam, queimaram* muitos documentos da época. Então a gente vai pela memória do pessoal mais antigo mesmo e começa a resgatar as antigas, as brincadeiras... (José Eustáquio dos Santos, 2017 - entrevista concedida à Belico, 2018, p. 153-154, grifos meus).

A narrativa de Taquinho carrega um sentimento de *indignação* pelo silenciamento e apagamento do conhecimento negro. É esse sentimento que motiva e agrupa moradores interessados nos conhecimentos ancestrais, levando-os ao trabalho de visitar e resgatar os cantos salvaguardados nas memórias dos moradores mais antigos da comunidade.

Além de resgatar cantigas antigas, mestre Taquinho, que vem de uma família de músicos e congadeiros, também compõem cantos novos a partir desse saber ancestral inscrito em seu corpo (Martins, 2021). Sua música chamada *Gangazumbeiro* nos mostra o senso de identidade, pertencimento e elementos centrais dessa comunidade quilombola, como podemos ver abaixo:

Eu sou Gangazumbeiro  
aqui acolá e em qualquer lugar

Eu sou Gangazumbeiro  
aqui acolá e em qualquer lugar  
Vim pra esse quilombo  
Tocar tambor, cantar e dançar  
Vim pra esse quilombo  
Tocar tambor, cantar e dançar

José Eustáquio dos Santos

A liderança e cantora Efigênia de Castro Catarino fala sobre como as atividades da Irmandade Banto afetam positivamente as mulheres da terceira idade que compõem o grupo. As experiências tanto dos ensaios como das viagens para eventos em outros municípios são importantes para o *empoderamento* e saúde mental das mulheres da *melhor idade*, como se intitulam.

Fazemos trabalho também com a terceira idade, onde a gente *empodera as mulheres*, né?! Nós saímos com nosso grupo de canto e dança, tocando tambores por essa Minas Gerais. Já fomos em vários lugares, onde as nossas mulheres da terceira idade... hoje, várias delas deixaram de tomar remédio e empoderaram o seu novo visual. Hoje já andam com cabelo natural, já se sentem lindas e maravilhosas. Isso é muito bom para o Ganga (Efigênia de Castro Catarino, 2021, grifos meus)<sup>7</sup>.

No primeiro ensaio da Irmandade Banto, que marcou o retorno das atividades presenciais em abril de 2022, Taquinho pediu que nos sentássemos em formato de roda e que nos apresentássemos, pois havia uma integrante novata, que era eu. Apesar de já conhecer boa parte do grupo, não conhecia algumas mulheres de outros bairros da comunidade. Durante a rodada de apresentações, a maioria delas relataram que procuraram o grupo como uma forma de terapia por estarem com depressão. É sobre isso que Efigênia se refere quando afirma que várias dessas mulheres deixaram de tomar remédios, já que as atividades de tocar, cantar e dançar também se mostraram terapêuticas.

A Irmandade Banto, como parte do grupo Afro Ganga Zumba, frequentemente é convidada para participar de eventos, seminários, trocas de saberes e encontros de movimentos sociais parceiros em outros municípios. Viajar para se apresentarem e receber o acolhimento, o respeito e a valorização de suas apresentações são de extrema importância para essas mulheres. Desse modo, as atividades são terapêuticas em três sentidos que se retroalimentam: a experiência do envolver-se e sentir-se pertencente ao

---

<sup>7</sup> Para acessar a entrevista completa, acessar: [https://youtu.be/45Pjp0b7y\\_kz](https://youtu.be/45Pjp0b7y_kz)

coletivo, o empoderamento enquanto mulher-artista-negra e o ser reconhecida por serem exemplos nas atividades da cultura afro-brasileira. Todos esses sentidos se conectando e mostrando-se eficientes no combate à depressão.

Durante o ano de 2020, quando a pandemia assolou a todos, e o isolamento social como medida preventiva contra a disseminação do vírus Sars-CoV-2 impediu os festejos do Grupo Afro Ganga Zumba, novas estratégias foram adotadas para que as atividades não fossem totalmente interrompidas. O mês de novembro, conhecido como “Novembro Negro”, foi um mês de intensa atividade de criação de conteúdo digital como forma de manutenção e ampliação da luta antirracista. Dentre as ações de mobilização desenvolvidas está a Mostra Fotográfica<sup>8</sup>, uma seleção de temas importantes ao grupo apresentados em fotografias em seu perfil de Facebook<sup>9</sup>. Essa seleção é parte do controle da memória estando intimamente conectada à construção social coletiva da identidade, como argumentou Pollak (1992), ao modo como se querem ser vistos e aos princípios morais fundamentais do grupo. Não me alongarei sobre tais temas, mas gostaria de enfatizar o álbum intitulado *O ouro do sol e o brilho da lua, olha a negrada no meio da rua*, pois condensa numa narrativa imagética muitos dos elementos trazidos nos discursos.

---

<sup>8</sup> Para saber mais sobre a Mostra Fotográfica, ver Rabelo (2021).

<sup>9</sup> <https://www.facebook.com/gangazumba.gangazumba>

**Figura 1 – Mostra Fotográfica**



Fonte: Facebook do Grupo Afro Ganga Zumba, 2020.

Com a legenda “*Abram os caminhos, nosso povo vem chegando! Ocupar as ruas é levar aos olhos e ouvidos da sociedade a nossa alegria, cultural ancestral e principalmente o nosso CLAMOR por um mundo melhor. A rua também é lugar de formação!*” este álbum traz a ideia de uma luta antirracista em movimento. Movimento do corpo que toca, canta e dança, mas também do corpo que se movimenta pelas ruas.

O caráter sociocultural e educacional do *Ganga* se faz ocupando as ruas com seus cortejos num processo de formação, de produção de subjetividades, não somente de quem participa, mas de quem vê e ouve a *alegria, cultura ancestral*. O cortejo aciona o sensorial de quem vê e ouve essa *alegria*, exposta em cores e sons vibrantes, conquistando futuros membros e simpatizantes também pelas sensações vão despertam nas pessoas ao se movimentarem pelas ruas. Ir para as ruas clamar por um mundo melhor diz sobre a *esperança* no ser humano e num mundo mais justo. As fotos mostram a andança do grupo por diversos espaços em Ponte Nova e em outros municípios. A *alegria*, emoção presente em muitas falas e perceptível no cotidiano, o sensorio e a *esperança* emergem como elementos importantes e constituintes da resistência que se faz em e no movimento.

A outra atividade que gostaria de trazer aqui é a Oficina de Dança Afro-brasileira, narrada como sendo a base do grupo, por ter sido a atividade fundante, o ponto inicial para todas as outras atividades. A dança afro-brasileira também faz parte do resgate das raízes a partir dos movimentos corporais que seguem os tambores e os conhecimentos ancestrais grafados no corpo negro. Além disso, como afirma Márcia, a dança é de extrema importância no empoderamento das mulheres.

[...] Outra oficina que oferece o Ganga que é nossa base, é nosso começo, é a oficina de dança afro-brasileira, que é ministrada por mim. É uma oficina muito importante porque ela não só *resgata* a cultura afro-brasileira através da dança, através dos movimentos, como também *empodera* as mulheres. A gente tenta passar para as meninas o que é importante na nossa cultura, como ter autoestima, como se valorizar enquanto mulher negra (Márcia Messias de Castro, 2020, grifos meus)<sup>10</sup>.

A luta antirracista passa pela (re)construção da beleza negra que foi subjugada por tanto tempo e colocada como inferior pelo senso comum (Gomes, 2002). O cuidado com os cabelos crespos e cacheados, a feitura de tranças, as roupas e os acessórios sempre em cores vivas, mostram também *a alegria do povo preto*. O cuidado com a estética dos corpos é de extrema importância para compreendermos a conformação da identidade *gangazumbeira* e o sentimento de pertença.

Assim, a luta dessas mulheres passa pelo corpo, pelos trabalhos com autoafirmação da beleza negra e dança afro. Ao se tornarem empoderadas e autoconfiantes, essas mulheres se tornam exemplo de como a cultura afro-brasileira pode ser respeitada e reconhecida. Ser uma pessoa “exemplar” (Humphrey, 1997) na luta antirracista, é parte da micropolítica que fazem no cotidiano, ensinando via afeto, via exemplo aos seus mais novos. Em entrevista à autora para o acervo da Rede Motirô no Museu da Pessoa<sup>11</sup>, Márcia conta sobre a formação do *Ganga Mirim*, primeira atividade que surge de uma demanda espontânea das crianças ao verem seus mais velhos dançando.

[...] todas as crianças do bairro ficavam atrás da gente, porque a gente não tinha lugar para dançar, a gente ensaiava em qualquer lugar. Então a gente ensaiava até na rua, na frente da casa da minha tia, então todo mundo via a gente ensaiando e a gente nunca teve vergonha do que estava fazendo, né. Fazia com muita naturalidade. Então [...] com menos de três anos a gente fundou o Ganga Mirim. O que que é Ganga

---

<sup>10</sup> Para acessar a entrevista completa, acessar: <https://youtu.be/kdGR5ZyY5RE>

<sup>11</sup> Para ver sobre o acervo da Rede Motirô no Museu da Pessoa intitulado Motirô: o festejo como testemunho, acessar: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/colecao/motiro-o-festejo-como-testemunho-179820>

Mirim? São todas *as crianças do bairro que admiravam a gente* já desde aquela idade pequenininha, cinco, seis anos, doze quatorze anos. Acho que a mais velha naquela época no Ganga era Teresinha, ela tinha treze, quatorze anos. Começou com eles mesmo, porque eles ficavam com a gente o tempo inteiro. Então falamos assim ‘vamos começar a fazer alguma coisa com essa meninada’. Então assim, sem ter noção do que estava fazendo, já estava agregando um trabalho (Márcia Messias de Castro, 2021, grifos meus)<sup>12</sup>.

Nessa fala podemos ver a importância do exemplo dos mais velhos no cotidiano afetando aos mais novos numa constituição simultânea: do início das atividades no Ganga; da formação de subjetividades em desenvolvimento; e da identidade de ser *gangazumbeiro*. Dessa forma, sem que haja uma causalidade unidirecional, vão se conformando e se consolidando o *Ganga*, as novas subjetividades engajadas politicamente e a noção de ser *gangazumbeiro* num processo contínuo e simultâneo.

A valorização da cultura afro-brasileira e a manutenção dessa cultura viva através das atividades do Grupo Afro Ganga Zumba podem ser pensadas como práticas de cuidado. Cuidado com os saberes locais, um cuidado resistência que não permite o apagamento e resgata o que foi apagado, contribuindo para a formação de subjetividades moral e emocionalmente instruídas sobre a questão racial. Demarcando uma identidade da qual se tem orgulho e se sente pertencente.

### **Corpo e emoções fazendo política**

Inspirada por uma perspectiva da corporeidade, trago uma outra linguagem política a partir do corpo negro, sensações corporais, movimentos e emoções. Uma outra forma de conhecimento e comunicação que não é necessariamente e apenas falada, mas dançada, cantada, tocada e sentida no cotidiano.

Silva (2019) reflete sobre corpo, estética, emoção e as formas de engajamento político através da construção de novos discursos sobre padrões de beleza, consumo e feminismo protagonizado por mulheres negras. Sigo a autora para pensar como a relação entre o corpo negro, a estética, sentimentos e emoções conformaram também a enunciação de novos discursos e o engajamento político através da dança, toque e canto.

A luta se faz a partir do corpo, pensando o corpo como lugar de memória onde se grafa e se inscreve conhecimentos (Martins, 2021). Diferentemente dos dispositivos

---

<sup>12</sup> Para ver a entrevista na íntegra, acessar: <https://youtu.be/LFufk3hiYdc>. Essa entrevista compõe o conjunto das oito entrevistas sobre festas/festejos na pandemia, realizado pelo Laboratório do Lúdico e do Sagrado (Ludens) como fruto da participação na Rede Motirô.

privilegiados no Ocidente, os conhecimentos africanos foram restituídos e passados “por outras vias que não as figuradas pela escritura, dentre elas as de inscrição oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (p. 23).

Reconectar-se com o som, com os movimentos corporais e com a ancestralidade é um resgate que não passa, necessariamente e apenas, pelo pensamento, mas, principalmente, pelo “pensamento incorporado” (Rosaldo, 1984, p. 143, tradução livre), ou seja, pelas emoções, pelas sensações. Como veremos abaixo, Márcia nos mostra a importância do sentir os sons: ouvir o *batidão*, o grito fino. Se sabermos afetadas pelos sons que vibraram em seus corpos de forma que as coreografias já começaram a fluir ali mesmo. Era a música “Som africano”<sup>13</sup> de Martinho da Vila. Não foram marcadas pela linguagem referencial, mas pela batida, e já imaginavam a coreografia.

Levando em conta a sonoridade enquanto parte construtora da subjetividade (Hirschkind, 2012), podemos perceber som, corpo e emoção dialogando na produção daquilo que se conformava como uma identidade, que estava construindo e sendo construída, num processo espiralar.

Partiu eu e a Rosângela para a discotape. Chegamos lá e pedimos todos os artistas negros que tinha o LP na época (na época tinha dezesseis anos). Estamos escutando... pega um, pega outro e nada! (...) Aí pegamos um de Martinho da Vila que tinha uma música que ele tinha feito, ele ficou muito tempo em Angola né, ele tem Angola como seu segundo país né, e ele fez uma música chamada “Som africano” em dialeto, não me lembro na época, nem sei que dialeto é. *Nós escutamos e ficamos malucas!* Nossa! Um batidão e ele rápido, um grito fino no fundo da música... Aí a gente já tava imaginando mesmo como iria fazer a coreografia [...] (Márcia, entrevista para Belico em maio de 2017).

#### Efigênia fala da força do tambor na formação do grupo

[...] Aí depois começaram a dançar no som de disco de vinil, que naquela época era disco de vinil né. Foi disco de vinil, dançaram muito tempo com disco de vinil. Depois aí a gente foi mais, com mais estudos, aí a gente foi aprendendo toques de tambores. Aí depois já foi dançando com toque de tambor. *Quando o tambor toca a gente fica doida (risos)!* (Efigênia de Castro Catarino, entrevista para Belico em setembro de 2017).

As expressões *ficamos malucas* e *a gente fica doida* representam a *alegria*, uma euforia que aparece como a conexão corporal com os saberes ancestrais, algo que estava adormecido e despertou com as vibrações sonoras. Essa ideia fica evidente quando me

---

<sup>13</sup> Vídeo da coreografia feita pelo Grupo Afro Ganga Zumba para a música Som Africano, de Martinho da Vila: [https://youtu.be/06i0mp\\_O05M](https://youtu.be/06i0mp_O05M)

contam que na época da fundação do *Ganga* não sabiam dançar, mas as coreografias iam saindo quando ouviam as músicas porque *estavam no sangue*.

Tava varrendo casa com a vassoura na mão, eu e Jaime (meu primo). Fazia o meu serviço ouvindo as músicas pra ver o que ia fazer. Aí peguei a vassoura na mão, a música começou e Jaime continuou fazendo. E fizemos a coreografia, passamos para as meninas. O pessoal adorou. Acho que foram quatro ou cinco músicas, todas sem a gente ter contato com a televisão para ver como era a dança afro. Depois cada um foi concertando, colocando... as coreografias ficaram muito bonitas (Rosângela Lisboa, entrevista para Belico em setembro de 2017).

Os sons se comunicam com os corpos, despertando memórias inscritas, que respondem realizando movimentos, sentindo sensações e emoções que *não dá pra explicar*. É o entrelaçar de corpo, sensações de pertença e emoções de reconexão com o ancestral que intensifica a construção de subjetividades racialmente informadas. As pessoas se conectam, estabelecem relações e fortificam vínculos a partir de sensações e emoções, do sentir-se envolvido.

*Essa última música ficou linda, dava nem vontade de parar* disse uma integrante da Irmandade Banto se referindo à performance de um canto durante o ensaio em que todos cantaram junto, entoando o coro após a voz anunciada do Mestre Taquinho, os corpos formavam uma roda e se balançavam para um lado e para o outro enquanto tocávamos e cantávamos sorrindo umas para outras, sentindo o envolvimento e conexão de corpo, movimentos, sentimentos, emoções, sons. Quando eu tinha dificuldade de dançar por já estar cantando e tocando, uma liderança me olhava e dizia apenas mexendo os lábios e movimentando o corpo mais intensamente: *dança!*

Tem que ter essa *esperança* no ser humano, a gente acredita muito no ser humano. [...] E esse nosso andar de acreditar demais no ser humano, a gente se viu muitas vezes *decepcionado*, mas seguimos na nossa caminhada, uma caminhada linda, uma caminhada cheia de muita fé e muita esperança. Eu acho que se não tivesse essa *esperança* o *Ganga* não teria esses trinta e três anos. E ao mesmo tempo, muito *afeto*, porque *a gente se ama muito*, muito, muito, sabe? [...] e todas as pessoas que chegam até a gente são recebidas também com *afeto* (Márcia Messias de Castro, 2021, grifos meus)<sup>14</sup>.

A comunidade, o *Ganga* e suas atividades são constituídas de relações baseadas no *afeto*, no amor. São essas relações que fortificam o grupo mesmo diante da *decepção*. A *esperança* e seguir na caminhada são elementos centrais no ser *gangazumbeiro*.

---

<sup>14</sup> Para ver a entrevista na íntegra, acessar: <https://youtu.be/LFufk3hiYdc>.

Em suma, o que pretendi argumentar é que, para além do carácter sociocultural e educativo formal do *Ganga*, da presença de lideranças tanto homens quanto mulheres filiadas à partidos, membros e membras de conselhos municipais das secretarias de assistência social e de cultura, essas lideranças estão atuando politicamente no nível micro, nas relações. Acredito que os cuidados uns com os outros, com os corpos, com a estética e com os saberes locais, bem como a herança desse “saber viver” que desloca e movimenta emoções negativas para positivas, através da força da união e da valorização da cultura afro-brasileira, compõe um emaranhado de fios que tecem as relações e, conseqüentemente, tecem as bases para a possibilidade da atuação política institucional.

### **Considerações Finais**

“Saber viver” balizando *alegria e dor, esperança e decepção* emerge como resistência num ambiente que pode ser constantemente hostil. É o afeto na *família Ganga Zumba* e na ancestralidade que fornece as forças necessárias para o deslocamento da *indignação* e raiva para o resistir na *alegria*. Como nos mostra Martins (2021), diante da opressão colonizadora, alguns dos princípios e táticas básicos operadores da formação da cultura negra nas Américas foi o deslocamento, a metamorfose, a readequação. Esse movimento vai também em direção à fé e *esperança* no ser humano, uma esperança que se constrói afetivamente no calor do coletivo. É nessa dinâmica emocional, nesse pêndulo entre *indignação e alegria, esperança e decepção*, que vão se tecendo ou destecendo relações de afeto, confiança e pertencimento à comunidade.

Sendo a maioria das lideranças mulheres e, nesse contexto, responsáveis pelos cuidados das crianças e das atividades da casa, ao voltarem para suas casas empoderadas seguem transmitindo os saberes locais via cuidado e afeto. Na dinâmica social do quilombo, as mulheres mais velhas cuidam das crianças de familiares e amigos para que seus pais possam trabalhar, o que amplia a extensão da transmissão dos saberes. Além disso, no quilombo de Fátima várias mulheres estão à frente de instituições educativas, levando os saberes locais para uma ampla gama de crianças. É a resistência de existir, de ensinar essas atividades para a comunidade, de ser exemplo de admiração, beleza, reconhecimento e respeito.

Nesse sentido, mostrei como o cuidado, o corpo, a estética, *alegria, esperança, dor e sensações corporais* compõem o fazer político destas lideranças em seus cotidianos. Argumento ainda que sentimentos e emoções nos cantos, na percussão e na dança afro-

brasileira afeta e coparticipa da conformação de ser *gangazumbeiro* e ser negro no Grupo Afro Ganga Zumba.

### Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. (org). *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 64-91.

BELICO, Marynara de Souza. Memória, identidade e reconhecimento: um estudo sobre o processo de construção identitária de lideranças da Comunidade Quilombola de Fátima, Ponte Nova/MG. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Viçosa, 2018. Orientação de Fabrício Roberto Costa Oliveira.

GOMES, Nilma L. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. (tese doutorado). São Paulo: USP, 2002.

HIRSCHKIND, Charles. *Cassette sermons, aural modernities and the Islamic revival in Cairo*. In: Sterne, J. (Ed.). *The sound studies reader*. NY: Routledge, 2012: pp. 54-69.

LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila Ed. *Language and the politics of emotion*. In: This book grew out of a session at the 1987 annual meeting of the American Anthropological Association called “Emotion and Discourse”. Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <https://cutt.ly/Xds5DZn>

RABELO, L. 2021 *(Re)existindo na pandemia: a Mostra Fotográfica online do Grupo Afro Ganga Zumba*. In: Seminario des Alunes PPGAS-MN/UFRJ, 10, 2021, online. Anais, p. 335-348.

REZENDE, Claudia Barcellos. Histórias de superação: parto, experiência e moção. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, p. 203-225, 2019.

ROSALDO, M. *Toward an anthropology of self and feeling*. In: SHWEDER, R.; LEVINE, R. (ed.). *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memórias e dor. In : \_\_\_\_\_. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autentica, 2008, p. 7- 30.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63-81, 2003.

\_\_\_\_\_. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpotel. *Rio de Janeiro: Cobogó*, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018 [1976].